

ANDALUZ

recital íntimo

de José Rubens Siqueira

a partir da obra de Federico García Lorca

ANDALUZ estreou no primeiro semestre de 1988
no Teatro João Caetano, em São Paulo,
com direção, cenário e figurino do autor e
Gabriela Rabelo, Tânia Bondezan e Haroldo Botta
desempenhando todos os papéis, com o suporte musical de César Assolant.

A platéia ainda acesa é envolvida por ruídos de um combate distante: troca de tiros, silêncio, um grito seguido de vozerio, novo silêncio com pássaros cantando longe, gritos, tiros esparsos, silêncio.

Mais perto alguém corre roçando o capim alto. Súbito silêncio no qual se ouve apenas a respiração ofegante do medo. Uma voz grita ao longe:

“Abajo la inteligencia! Viva la muerte!”

A respiração continua, ofegante, próxima, enquanto as luzes se apagam sobre a platéia. No palco, um foco único, vazio.

VOZ MASCULINA GRAVADA – Declaração do caudilho Don Francisco Franco.

FRANCO (*gravação*) – Falou-se muito no estrangeiro sobre um escritor de Granada. A verdade é que no início da revolução, em Granada, esse escritor morreu misturado aos sediciosos. São acidentes próprios à guerra. Granada foi sitiada durante muitos dias. A loucura das autoridades republicanas, distribuindo armas à população, provocou centelhas, e uma delas custou a vida do poeta granadino. Enquanto poeta, a sua perda foi lamentável, e a propaganda vermelha fez desse acidente um estandarte, explorando a sensibilidade do mundo intelectual. Não se comenta, no entanto, como foram friamente assassinados também: don José Calvo Sotelo, don Victor Pradera, don José Polo Benito, don Honorio Maura, don Francisco Valdez, don José Maria Albiñana, don Francisco Pradera, don Rufino Blanco, don Manuel Bueno, don Ramiro de Maetzu, don Pedro Muñoz Seca, don Pedro Moralne-Michelene, don Antonio Bermudes-Cañet, don Rafael Salazar Alonso...

Ao se iniciar a lista de nomes, Lorca entra no foco.

Está tenso, fechado em si mesmo, respirando com dificuldade, rígido.

O som vai baixando até desaparecer no silêncio.

De repente, outra voz gravada, seca, sobressalta Lorca.

VOZ GRAVADA – Nome?

- LORCA – Federico Garcia Lorca
- VOZ – Filiação.
- LORCA – Federico Garcia de Rodrigues e Vicenta Lorca.
- VOZ - Nascimento.
- LORCA - 1898. 5 de junho.
- VOZ - Local.
- LORCA - Fuente Vaqueros, Granada.
(tempo. Lorca se agita, mais nervoso)
 Sou andaluz.
 Com sete anos fui para Almeria. O colégio de padres onde comecei a estudar música.
 Tive uma doença na boca e na garganta.
 Não podia falar. Fiquei às portas da morte.
 Voltei para Granada.
(tenta se controlar, tenso)
 Aí, a vida do poeta até 1917 é dedicada exclusivamente à música.
(tempo)
- VOZ - Que poeta?
- LORCA - Eu.
 Sou poeta.
(luta com o medo, esperando, tenso)
 Meus pais não permitiram que eu fosse para Paris.
 Meu professor de música morreu.
(respira, pouco a pouco retomando o controle, buscando o sorriso)
 Federico Garcia Lorca... eu...
 dirigiu seu patético afã criativo para a poesia.
(sorri afinal, controlado, firme, proclama)
 Yo soy español integral, mas antes de tudo sou um homem do mundo e irmão de todos.

Longo silêncio.

Uma descarga de tiros de fuzil.

O grito lancinante do cantador gitano.

Atingido, Lorca se contrai e se imobiliza.

Uma rosa de sangue abre-se em seu peito.

Música.

A alma vermelha de Lorca surge de trás dele e dança.

Ela o abraça por trás. Ele continua imóvel.

LORCA - Estou rodeado de choupos, de rios e de céu claro e transparente.

A alma sorri. Ele abre os olhos.

LORCA - Começo a trabalhar.

A alma sai.

LORCA - Trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Mesmo que às vezes pareça um esforço inútil. Trabalhar como uma forma de protesto.

Sou poeta.

Pela graça de Deus – ou do demônio – mas também pela técnica, pelo esforço.

O que dizer da poesia?

Que posso dizer dessas nuvens, desse céu?

Um poeta não pode dizer nada da poesia. Aqui está. Olha. Tenho o fogo nas mãos.

A poesia anda pelas ruas. Não é abstração. É coisa real, existente.

As coisas têm seu mistério e a poesia é o mistério das coisas. Não tem limites.

Escuto a natureza e o homem: copio o que me ensinam.

Sem pedantismo. Sem dar às coisas um sentido que não sei se têm.

Sei que a poesia eleva. Quero ser bom.

Uma gargalhada brilhante e depois, para a platéia.

LORCA - Nunca li meus versos diante de tantos espectadores.
 A poesia exige quatro paredes brancas, uns poucos amigos ligados por uma harmonia de amizade e um doce silêncio onde soe a voz do poeta.
 Meu amor aos outros, meu carinho pelo povo me levou a escrever teatro: para atingir a todos e confundir-me com eles.
 O teatro é a poesia que se levanta do livro e se faz humana. Fala e grita, chora e se desespera.
 Neste momento dramático do mundo, o artista deve chorar e rir com seu povo.
 Peço que, por um momento, nos sintamos íntimos, todos, esquecendo as proporções da sala.
 Seja o meu pudor, minha sinceridade e vossa boa fé os três elementos que formem a atmosfera íntima e clara onde se perdem os poemas, para elevar e afirmar os ânimos dos que me ouvem.

Música.

LORCA - Respeitável público (*pausa*). Não, respeitável público não. Público, apenas. E não que o autor não considere o público respeitável, pelo contrário, mas sim que por trás dessa palavra há assim como que um delicado tremor de medo. E por ser esse medo absurdo, a poesia retira-se de cena em busca de outros ambientes onde as pessoas não se assustem com ela.

SAPATEIRA (*fora de cena*) – Eu vou entrar! Larga!

LORCA - O autor escolheu colocar seu exemplo dramático no ritmo vivo de uma sapateirinha popular. Não estranhe o público se ela parece violenta e ácida. Porque ela luta sempre com a realidade que a cerca e luta com a fantasia quando esta se faz realidade visível.

SAPATEIRA (*fora de cena*) - Quero entrar! Eu vou lá!

LORCA – (*para a coxia*) Não tenha tanta impaciência para entrar em cena. Não é nenhum vestido de longa cauda e plumas inverossímeis que você vai usar, mas sim uma roupa rasgada, está ouvindo? Roupa de sapateira.

SAPATEIRA - (*fora de cena*) Eu quero entrar!!

LORCA - Pra cena, sapateira prodigiosa. Vamos começar. Você entra da rua.

SAPATEIRA - *(entrando e gritando para fora)* Cala a boca, sua linguaruda, exibida. Fiz mesmo... fiz porque quis. E se você não tivesse fugido pra tua casa eu te arrastava pela rua, sua jararaca empoeirada. E eu estou falando pra todo mundo, viu? Vocês todas escondidas atrás das janelas. Que mais vale ser casada com um velho do que com um caolho como o teu marido. E não quero mais conversa com você, nem com ninguém, com ninguém, ninguém! Eu já sabia que com esse tipo de gente não se pode falar nem um minuto. Mas a culpa é minha, minha, minha que devia estar em casa com...
Nem dá pra acreditar.
Quem havia de dizer que eu, loira de olhos pretos (e olha que isso vale muito) e com estas cores tão lindíssimas ia acabar com...
Maldita hora. Maldita hora que eu fui ouvir o meu compadre Manuel.
Ai, tonta, tonta, tonta. *(bate na cabeça)*.
Com tantos pretendentes que eu tive. Todo mundo sabe. Os melhores. Mas o que eu mais gostava era o Emiliano. O Emiliano... vinha montado numa égua preta, cheia de franjas e espelinhos, com uma varinha de marmelo na mão e as esporas de cobre, luzindo. E que capa ele usava no inverno!
Eu tive também um outro pretendente. Aquele era meio chique.
Tinha dezoito anos, era olhar e dizer. Dezoito anos...
Meu marido nunca teve dezoito anos na vida.
Aquele sim que tinha dezoito anos. E me dizia cada coisa...
Parece mentira! Quem haveria de dizer... Um velho pelego.
Eu me rebaixei. Ai, tonta, tonta, tonta. Maldito seja o meu compadre Manuel, malditos sejam os vizinhos, tonta, tonta, tonta.
Mas vamos lá ver isso: casei com ele, não casei? Ele come, não come? Usa punho e colarinho que nunca usou na vida, não usa?
E o relógio, tão bonito, com corrente de prata, que eu dou corda toda noite?
Que mais ele quer?
Porque eu, tudo menos escrava. Quero fazer sempre a minha santa vontade.
Três meses de casados e ele diz que me ama, o sapateiro...
Me ama, me ama. Que que é isso? Me ama? Que que é me ama?
Pois hoje não se come nesta casa. Pronto.
Ele que vá comer onde quiser.

Sai zangada.

Lorca dedilha no violão os primeiros acordes de uma canção.

Sapateira retorna.

SAPATEIRA - *(para a coxia)* Tá pronta a comida. Tá ouvindo? Tá ouvindo? Mas será que ele teve a coragem de ir embora, o desgraçado. Deixou a porta aberta, nem acabou de consertar as botinas. Pois quando voltar vai ter de me escutar. Ah, se vai. Como os homens são... homens. Que absurdo, que... e que... Vá!

(ouvem-se sininhos, ela olha para fora) Que lindo o rebanho! Que encanto as ovelhinhas! Olha, olha, aquela branca, tão pequenininha que quase não pode andar. Ai! Mas aquela grandona antipática está pisando nela! E nada? Ô pastor! Tá dormindo? Não está vendo que estão pisando na recém-nascida? *(pausa)* Claro que eu não tenho a ver com isso. E não ia ter então?, bestíssimo! E muito, ouviu? *(volta)*

Meu senhor! Onde é que se meteu esse desnordeado? Se demorar mais dois minutos eu como sozinha que eu a mim me basto e ainda me sobro... Com a comida tão boa que eu fiz. Cozido de batatas da serra, dois pimentões verdes, pão branco, um pouquinho de toicinho magro e doce de abóbora com melado e casca de limão por cima. Porque eu cuido dele, o que eu cuido! Assim, ó, de bandeja.

LORCA - Ainda zangada, sapateira? Vou te contar uma coisa, uma noticiona que ninguém quer te dar.

SAPATEIRA - Diz de uma vez. Que que aconteceu?

LORCA - Não se assuste que morte não é.

SAPATEIRA - Fala. Fala logo.

LORCA - Ai! Pois olha... teu marido, o sapateiro, foi-se embora para nunca mais voltar.

SAPATEIRA - Como?

LORCA - É. Foi o que ele disse aí no vizinho antes de subir na diligência, que eu vi... E pediu pra te contar e o povo todo já sabe.

SAPATEIRA - Não é possível! Não é possível! Não acredito. É assim que ele me paga? Assim? Que vai ser de mim sozinha nesta vida? Ai, ai, ai! *(para fora)* É. É. Podem olhar, suas cascudas, comadres, a culpa é de vocês. Eu gostava dele, estão ouvindo? E como gostava! Que pretendentes bons e muito riquíssimos

eu tive e nunca dei o sim pra nenhum. Ai! Coitadinho, as coisas que devem ter te contado.

Sai.

Lorca dedilha novamente os acordes da canção e canta:

LORCA - A senhora sapateira,
quando sumiu-lhe o marido,
abriu logo uma taberna
onde os homens são bem vindos.
Quem te compra, sapateira,
o pano de teus vestidos?
E esses penhoares de linho
de renda muito enfeitados?
E faz-lhe a corte o prefeito.
E faz-lhe a corte don Mirlo.
Sapateira, sapateira,
Você agora está luzindo!

A Sapateira entra furiosa.

SAPATEIRA - Se cantar de novo eu compro um revólver! É uma infâmia. Eu juro, pelo preciosíssimo sangue de nosso pai Jesus que eu sou inocente. Olha, olha como eu tremo. Parece até que as mãos querem me escapar do corpo. Meu marido me deixou foi por culpa dessa gente. E eu fiquei sozinha sem o calor de ninguém.

LORCA - Pobrezinha.

SAPATEIRA - Como eu gostava dele! Adorava!

LORCA - Não é verdade.

SAPATEIRA - Que é que você está dizendo?

Desde que ele foi embora eu não como, não durmo, não vivo. Porque ele era a minha alegria e a minha defesa. Veja o senhor: todo o povoado em cima de mim!

Quando, de noite, eu fecho a porta e vou sozinha pra cama, me dá uma pena... que pena! E passo umas sufocações... Range a cômoda, um susto! Tremem, como chuva, os vidros da janela, outro susto! Eu mesma faço bulir a cabeceira da cama, duplo susto! E tudo isso não é mais que o medo da solidão.

LORCA - O que você quer que eu diga pra seu marido, se por acaso encontro com ele nas minhas andanças?

SAPATEIRA - Diga que adoro ele.

LORCA - E que mais?

SAPATEIRA - Que apesar dos seus cinqüenta e tantos anos, benditíssimos cinqüenta anos, me parece mais broto e mais valente que todos os homens do mundo.

LORCA - Que primor!

SAPATEIRA - E não se esqueça de dizer que eu espero. Porque o inverno tem as noites longas.

LORCA - Então, vai ser bem recebido?

SAPATEIRA - Como se fosse o rei e a rainha juntos.

LORCA - E se por acaso ele chegasse agora mesmo?

SAPATEIRA - Eu ia ficar louca de alegria.

LORCA - E perdoava a loucura dele?

SAPATEIRA - Que tempo que eu já perdoei!

LORCA - Quer que ele chegue agora mesmo?

SAPATEIRA - Ai! Se viesse!...

LORCA - Pois ele está aí.

SAPATEIRA - *(para a coxia)* Vagabundo, sem vergonha, cafajeste, estradeiro! *(para si mesma)* Ai, como estou contente de você voltar! Que vida que eu vou te dar! *(para a coxia)* Nem a inquisição! Nem os Templários de Roma! Que desgraçada que eu sou! Com esse homem que Deus me deu.
(para o povo) Podem ir calando a boca, seus linguarudos, mexeriqueiros! Venham! Venham agora, se quiserem! Já somos dois pra defender a minha casa. Dois. Dois! Eu e meu marido! Esse cafajeste, vagabundo!

Sai.

LORCA - Ah! Eu amo os pobres acima de todas as coisas.

Não a pobreza sórdida e faminta, mas sim essa pobreza bem-aventurada, simples, como o pão preto. Mas enquanto houver desequilíbrio econômico o mundo não pensa. O mundo está parado diante da fome.

Vão dois homens pela margem de um rio. Um rico, o outro pobre. Diz o rico: ‘Oh, que barca mais linda! Olhe, olhe o lírio que brotou na margem!’ E o pobre diz: ‘Tenho fome. Não vejo nada. Tenho fome, muita fome.’

O dia em que a fome desaparecer, vai se produzir a maior explosão espiritual que o mundo já viu. A alegria triunfará no dia da Grande Revolução!

(*tempo*).

Verdade que estou falando em socialista puro? (*ri*)

Senhoras e senhores: o poeta que interpretou e recolheu de lábios populares esta farsa de guinhol, tem certeza que o público culto desta noite saberá acolher com inteligência e coração limpo a deliciosa e dura linguagem dos bonecos. (*rufar de tambores na coxia*) Ai, ai! Já começa a tocar o tambor. Podem chorar e podem rir. Don Cristóbal!

CRISTOBAL (*na coxia*) - Que?

LORCA - Venha que o público está esperando.

CRISTOBAL - Já vou.

LORCA - E doña Rosita?

ROSITA (*na coxia*) - Tô pondo meus sapatinhos.

LORCA - Que é isso, Cristóbal? Está roncando?

CRISTOBAL - Já vou! É que eu estou mijando.

LORCA - Cale a boca e não diga barbaridades.

CRISTOBAL - (*entra o boneco operado por uma atriz*) Boas noites, cavalheiros.

LORCA - Vamos, don Cristóbal. É preciso começar o drama.

É a sua obrigação. Tem dinheiro?

CRISTOBAL - Tenho.

LORCA - Pois é preciso casar.

CRISTOBAL - Preciso casar.

LORCA - Aí vem a mãe de doña Rosita. Você tem de falar com ela.

MÃE (*entra o boneco operado pela outra atriz*) - Eu sou a mãe de doña Rosita. E quero que ela se case. Porque já tem dois peitinhos como duas laranjinhas e um cuzinho como um queijinho e uma periquita que lhe canta e que lhe grita. É

o que eu digo: ela precisa de um marido. E se for possível, dois. (ri) Há, há, há, há, há, há, há, há, há, há.

CRISTOBAL - Senhora.

MÃE - Cavalheiro, de pena e tinteiro.

CRISTOBAL - Saiba a senhora que quero casar.

MÃE - Eu tenho uma filha, que dinheiro me dás?

CRISTOBAL - Uma onça de ouro das que cagou o mouro. Uma onça de prata das que cagou a gata e um punhado de moedinhas das que gastou tua mãe quando era pequenininha.

MÃE - Minha Rosita é jovem e você já é velho. Velho, velho pelego.

CRISTOBAL - E a senhora é tão velha que limpa o cu com um caco de telha.

MÃE - Bêbado! Indecente!

CRISTOBAL - Vou te por a barriga quente! Onde está Rosita?

MÃE - No quarto de camisola. E olha que está sola. Sola, solita. (ri) Há, há, há.

ROSITA (*entra o boneco operado por Lorca, com voz de falsete*) Ai, que noite tão clarita vive em cima dos telhados. Nesta hora os meninos contam as estrelas e os velhos dormem em cima dos seus cavalos. Mas eu queria era estar: no divã com Juan, no colchão com Romão, no canapé com José, na cadeira com o Madureira, no assoalho com o Ramalho, grudada no muro com o lindo Arturo e na grande chaise-longue com Juan, com José, com Madureira, com Arturo e com Romão. Ai, ai, ai, ai! Eu quero é casar, estão ouvindo? Eu quero é casar com um mocinho, com um militar, com um arcebispo, com um gerar, com um bacanudo de bacanear e com vinte mocinhos de Portugal.

CRISTOBAL - Então, estamos combinados?

MÃE - Estamos.

CRISTOBAL - Porque se não estamos eu tenho uma cachiporra e já sabe o que te acontece.

MÃE - Ai. Que que eu fiz?

CRISTOBAL - Tá com medo?

MÃE - (*tremendo*) Ai!

CRISTOBAL - Diga: estou com medo!

MÃE - Estou com medo!

CRISTOBAL - Diga: já me domou don Cristóbal!

MÃE - Já me domou don Cristóbal!

CRISTOBAL - Como vou domar sua filha!

MÃE - E então...

CRISTOBAL - Te dou a onça de ouro das que cagou o mouro e você me entrega tua filha Rosita e tem de me agradecer porque já está madurita.

MÃE - Tem vinte anos.

CRISTOBAL - Eu disse que tá madurita e tá! (*bate na mãe*) Mas apesar de tudo é uma linda donzela. Diga, diga, diga...

MÃE - Tem duas tetinhas como duas laranjinhas e um cuzinho como um queijinho e uma periquita...

CRISTOBAL - Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii!

MÃE - E uma periquita que lhe canta e lhe grita.

CRISTOBAL - Agora trema. Todo mundo na minha frente tem de tremer. Caralhorum, tem que tremer.

MÃE - Já estou tremendo.

CRISTOBAL - Chame Rosita.

MÃE - Rositaaaaaaa.

ROSITA - Que foi? (*enquanto se aproxima dos dois*) Eu quero casar com um bezerrinho, com um jacaré, com um jumentinho, com um general que pra este caso tanto se me dá.

CRISTOBAL - Ai, que presuntinhos ela tem na frente e atrás!

MÃE - Quer casar?

ROSITA - Eu quero casar.

MÃE - Quer casar?

CRISTOBAL - Eu quero casar.

MÃE - (*chorando, para Cristóbal*) Não vá me tratar mal dela. Ai, que pena da minha filhinha! (*sai*)

CRISTOBAL - Ai, Rosita.

ROSITA - Bebeu muito?

CRISTOBAL - Queria ser todo vinho pra me beber a mim mesmo. E a minha barriga um grande pastel com ameixas e batatas. Rosita, me cante alguma coisa.

ROSITA - Canto. (*canta*)
Dos quatro muleiros
que vão pro campo,
o da mula tordilha,

moreno e alto.

Dos quatro muleiros

que vão pra água,

o da mula tordilha

me rouba a alma.

Dos quatro muleiros

que vão pro rio,

o da mula tordilha

é meu marido. (*estremece, diz:*)

Ai, Cristóbal, tenho medo. Que é que você vai me fazer?

CRISTOBAL – Vou fazer muuuuuuuuuu! (*acompanhado de toque nos peitos*)

ROSITA - Ah, não vai me assustar. E à meia-noite que que você me faz?

CRISTOBAL - Faço aaaaaaaaaaaaaaaaaa. (*acompanhado de toque na bunda*)

ROSITA - Ai, não vai me assustar. E às três da manhã que que você faz?

CRISTOBAL - Te faço piii. (*acompanhado de toque no sexo*)

ROSITA - E então você vai ver como a minha periquita vai voar.

Se abraçam.

A atriz entra com o boneco da mãe, pega da mão de Lorca o boneco de Rosita. Sai.

LORCA - Basta. Senhoras e senhores, enchamos o teatro de espigas frescas, debaixo das quais os palavrões lutem em cena contra o tédio e a vulgaridade a que condenamos o teatro. E saudemos hoje, neste tablado, a don Cristóbal, o andaluz, como um dos personagens em quem continua pura a velha essência do teatro.

Lorca aplaude Cristóbal, manejado por uma das atrizes.

Cristóbal vai saindo. Antes de desaparecer, volta-se e dá um sonoro peido para platéia.

LORCA - (*ri*) Digam o que disserem o teatro não decai.

Não existe teatro velho, nem teatro novo, mas sim teatro bom e teatro mau.

O público não tem culpa, porque o teatro é superior ao público e não o público superior ao teatro.

O público vai com a emoção aos espetáculos que considera superiores, onde aprende, onde encontra autoridade.

Um povo que não ajuda e não fomenta o teatro, se não está morto, está morrendo. Porque o teatro é um instrumento precioso para a criação de um país. É uma escola de pranto e de riso. Uma tribuna livre para expor a moral velha e explicar com exemplos vivos as regras eternas do coração do homem.

Arte acima de tudo. Arte excelsa.

Os atores, artistas acima de tudo.

Artistas por ocupação e preocupação.

Ao teatro dediquei muitas horas da minha vida.

(toca o sangue no peito, olha)

Música.

LORCA - Minha vida... E eu tenho vida? Esses meus anos me parecem ainda meninos. As emoções da infância estão em mim. Não saí delas. Minhas lembranças mais antigas de criança. Com sabor de terra. Amo a terra, o campo... Sem esse amor à terra não teria podido escrever Bodas de Sangue.

MÃE *(entra e segura o rosto de Lorca, olha-o de perto)* - A navalha, a navalha... malditas sejam todas. E as escopetas e as pistolas e a faca mais pequena e até as enxadas e os rastelos da roça. Tudo o que pode cortar o corpo de um homem. Homem bonito, com sua flor na boca, que sai para os vinhedos ou vai para os seus próprios olivais, porque são dele, herdados, e esse homem não volta. Ou se volta, é para que se ponha em cima dele uma folha de palma ou um prato de sal grosso para que não inche. Não sei como você se atreve a levar uma navalha em teu corpo, filho, nem como eu deixo a serpente dentro da arca. Cem anos viva eu e não falarei de outra coisa. Primeiro, teu pai que me cheirava como um cravo e que eu só desfrutei três curtos anos. Depois, teu irmão. E é justo? E pode ser uma coisa dessas tão pequena como uma pistola ou uma navalha, acabar com um homem que é um touro? Não calarei nunca. Passam os meses e o desespero continua me picando os olhos. Pode alguém me trazer de volta o teu pai? E o teu irmão?

Como não falar, filho, te vendo sair assim por essa porta? Não gosto que leve navalha. Não queria... Não queria que fosse para o campo.

Queria que fosse uma mulher, assim não ia para o rio agora e bordaríamos juntas sanefas e cachorrinhos de lã.

Teu pai, sim, me levava com ele. E isso era certo. Sangue. Teu avô deixou um filho em cada esquina. Isso é que eu gosto. Os homens, homens. O trigo, trigo.

Ela chora e sai depressa.

LORCA - Bodas de sangue foi a primeira parte de uma trilogia dramática da terra espanhola. A segunda... Yerma. A tragédia da mulher estéril. Voltar à tragédia... Haverá tempo em que se deverá fazer comédias, farsas. Agora, é preciso dar ao teatro tragédias.

Entra Yerma e, logo em seguida, a vizinha Maria.

Lorca assiste, de lado.

YERMA - Vem de onde?

MARIA - Da venda.

YERMA - Tão cedo.

MARIA - Sabe o que comprei?

YERMA - Café, açúcar, pão...?

MARIA - Não. Comprei renda e três metros de linho e lãs coloridas para fazer barrados. O dinheiro, meu marido tinha, e me deu ele mesmo.

YERMA - Vai fazer uma blusa?

MARIA - Não. É porque... sabe?...

YERMA - Que?

MARIA - Porque já chegou.

YERMA - Já?

MARIA - É.

YERMA - Tem certeza?

MARIA - Claro.

YERMA - E o que você sente?

MARIA - Não sei. Angústia.

YERMA - Angústia. Mas... quando foi? Me diga. Você estava desprevenida?

MARIA - Estava.

YERMA - E cantando. Verdade? Eu canto... Você... me diga.

MARIA - Não me pergunte. Você nunca segurou um passarinho vivo, assim, na mão?

YERMA - Já.

MARIA - Pois é igual... só que por dentro da carne.

YERMA - Que lindo!

MARIA - Estou aturdida. Não sei nada.

YERMA - De que?

MARIA - Do que tenho de fazer.

YERMA - Não ande muito e quando respirar, respire tão suave como se tivesse uma rosa entre os dentes.

MARIA - Olha, dizem que mais pra frente ele empurra devagarinho com as pernas.

YERMA - Então é que se ama mais, quando já se diz: meu filho.

MARIA - No meio de tudo, eu tenho vergonha.

YERMA - E teu marido, o que diz?

MARIA - Nada.

YERMA - Te ama muito?

MARIA - Não me diz. Mas fica do meu lado e os olhos dele tremem como duas folhas verdes.

YERMA - Ele sabia que você...?

MARIA - Sabia.

YERMA - Como?

MARIA - Não sei. Mas a noite em que nos casamos, me falava o tempo todo com a boca grudada no meu rosto. Tanto, que parece que o meu filho é um pombo de luz que ele me soprou na orelha.

YERMA - Deus te abençoe.

MARIA - Você deve saber mais disso do que eu.

YERMA - Que me adianta?

MARIA - É verdade. Por que será isso?

YERMA - Assim é. Não é justo que eu me consuma assim. Muitas noites, saio descalça no pátio para pisar a terra, não sei porque. Se continuar assim, vou acabar ficando uma mulher má. Vi minha irmã dar de mamar para o filho, com o

peito cheio de gretas e doía muito, mas era uma dor fresca... Porque essas coisas não doem.

MARIA - Dizem que com os filhos se sofre muito.

YERMA - Mentira. Isso dizem as mães fracas, queixosas. Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Temos de sofrer para ver eles crescerem. Acho que levam embora metade do sangue da gente. Mas isso é bom, sadio, bonito. Cada mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando eles não vêm o sangue vira veneno...

Bom.

MARIA - Então... já vou.

YERMA - Não corra pelas pedras da rua.

YERMA - Volte logo.

Sai a vizinha, Yerma permanece em cena.

LORCA - No fundo, não vejo minha obra iluminada com a luz que penso. Tenho muito claro-escuro.

Queria casar.

Poderia? Não.

Meu coração busca um pomar e uma fonte, como em meus primeiros poemas. Um pomar onde meus sentidos, domesticados, possam olhar o céu.

Entra a Velha.

VELHA - Por que está aqui?

YERMA - Não sei.

VELHA - E teu homem?

YERMA - Ali. (*indica Lorca*)

VELHA - Fazendo o que?

YERMA - Bebendo. (*passa as mãos na testa*) Ai!

VELHA - Ai. Ai! Menos ais e mais alma. Antes não pude te dizer nada, mas agora sim.

YERMA - E o que vai me dizer que eu já não saiba?

- VELHA - Aquilo que já não se pode calar. O que está em riba do telhado! A culpa é do teu marido. Está ouvindo? Para ter um filho é preciso juntar o céu e a terra. Olha a maldição que caiu sobre a tua beleza.
- YERMA - Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.
- VELHA - Você tem pernas pra ir embora da tua casa.
- YERMA - Ir embora?
- VELHA - Quando te vi na romaria, me deu um oco no coração. Aqui, as mulheres vêm para conhecer homem novo. E o santo faz o milagre. Meu filho está lá atrás, te esperando. Minha casa precisa de mulher. Vá com ele e vivemos os três juntos. Meu filho, sim, tem sangue. Como eu. Se você entrar na minha casa, ainda tem cheiro de berço. As cinzas da colcha da tua cama vão virar pão e sal para as crias. Anda. Não ligue para o povo. E o teu marido... Tenho em casa entranhas e ferramentas para ele nunca cruzar com você. Nem na rua!
- YERMA - Quieta, quieta. Não é nada disso. Não posso ir procurar teu filho. Acha que posso ter outro homem? A água não volta atrás, nem a lua cheia nasce ao meio dia. Vai! Eu, pelo caminho que vou continuo. Pensou mesmo a sério que eu podia me curvar a outro homem?
- VELHA - Quando se tem sede se agradece a água.
- YERMA - Eu sou como um campo seco onde cabem mil pares de bois arando e você me dá um copo de água do poço. A minha dor já não está nas carnes.
- VELHA - *(forte)* Pois continue assim. Como os cardos da areia, espinhosa, murcha.
- YERMA - *(forte)* Murcha, sim, eu sei! Murcha! Não precisa me esfregar na cara. Desde que me casei, me ronda essa palavra, mas é a primeira vez que escuto, a primeira vez que me dizem na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.
- VELHA - Você não me dá pena nenhuma. Vou procurar outra mulher para meu filho.

A velha sai. Yerma se volta para Lorca.

- YERMA - Estava aí?
- LORCA - Estou.
- YERMA - Espiando?
- LORCA - Espiando.
- YERMA - Ouviu?

LORCA - Ouvi.

YERMA - E então? Me deixe e vá embora.

LORCA - É hora de eu falar também.

YERMA - Fala.

LORCA - E me queixar.

YERMA - De que?

LORCA - Deste amargo na garganta.

YERMA - O meu está nos ossos.

LORCA - Não posso mais agüentar esse contínuo lamento por coisas escuras, fora da vida, por coisas que estão no ar.

YERMA - Fora da vida, você diz? No ar?

LORCA - Por coisas que não me importam, ouviu? Que não me importam. É preciso que eu diga. A mim, me importa o que eu tenho entre as mãos. O que vejo com meus olhos.

YERMA - Isso, isso. É o que eu queria ouvir dos teus lábios. Não se sente a verdade quando está dentro da gente. Mas como é grande, como grita quando sai para fora e abre os braços. Não te importa. Já ouvi.

LORCA - Sem filhos a vida é mais doce. Eu sou feliz sem eles. Não temos culpa nenhuma.

YERMA - O que você procurava em mim?

LORCA - Você mesma.

YERMA - E o resto? E teu filho?

LORCA - Não ouviu que não me importa? Não me pergunte mais.

YERMA - E nunca pensou nele quando viu que eu queria tanto?

LORCA - Nunca.

YERMA - E não posso esperar?

LORCA - Não.

YERMA - Nem você?

LORCA - Nem eu.

YERMA - Murcha!

LORCA - E em paz. Um e outro com suavidade, com agrado. Me abraça. Me beija.

YERMA - Isso nunca. Nunca.

Tiros. Lorca avança para abraçar Yerma, ela recua, e repentinamente Lorca está morto, na mesma postura e no mesmo lugar inicial, nos braços de Yerma.

YERMA - Murcha, murcha, porém segura. Agora sim, sei com certeza. E só.
 Vou descansar sem despertar sobressaltada para ver se o sangue me anuncia outro sangue novo.
 Com o corpo seco para sempre.
 O que vocês querem?

LORCA e YERMA - (*juntos*) O que vocês querem? Não se aproximem porque matei o meu filho. Eu mesma, matei o meu filho.

Música.

LORCA - Glória, não! Dinheiro, não! Exigência e luta aquecem a alma do artista. Que vergonha me dá ver meu nome assim exposto ao público. Meu nome, tão meu. Como se eu deixasse de ser eu. Como se dentro de mim se desdobrasse uma segunda pessoa, inimiga minha.

Yerma se solta dele e sai. A música cessa.

LORCA - Podia estar o dia inteiro escrevendo. Mas me prender, não. Nem o sucesso pode me prender. Trabalhar sempre desinteressadamente, para satisfação íntima, como São Francisco: “Não trabalhar por amor ao dinheiro. Destilar a sensualidade em sensibilidade. Ser obediente.” Ser obediente...
 Ou seja... ser sincero consigo mesmo.

Entra a Ama já falando, seguida da Tia.

AMA - Pois eu digo que de tanto regar as flores e de tanta água pra todo lado, vai dar sapo no sofá.

TIA - Mas você bem que gosta de cheirar.

- AMA - Não, senhora. Para mim as flores têm cheiro de menino morto, de profissão de freira, de altar de igreja, de coisas tristes. Onde tiver uma laranja ou um bom marmelo, que desapareçam todas as rosas do mundo. Mas aqui...
Rosas pela direita, alfavaca pela esquerda, anêmona, sálvia, petúnia e essas flores de agora, da moda, os crisântemos, despenteados como cabeça de cigano. Que vontade que eu tenho de ver plantados nesse jardim uma pereira, uma cereja, um caqui.
- TIA - Pra comer?
- AMA - Pois se a gente tem boca! É como dizem na minha terra:
”Boca serve pra comer,
as pernas são para a dança
e uma coisa da mulher...”
- TIA - Jesus!

A tia sai espavorida, se benzendo, a Ama segue atrás, rindo.

- LORCA - Um amigo me disse: “Vou te contar a história da vida uma flor, de um livro de rosas do século dezoito.”
Ele terminou de ler e eu tinha pronta a minha comédia.
Era 1924. Só fui escrever em 1936. Os anos é que foram bordando as cenas e colocando versos na história da flor.

Entra a Tia se abanando nervosa com o leque, a Ama atrás. Estão no meio de uma discussão.

- AMA - A senhora acha que está certo um homem ir embora e deixar plantada durante quinze anos uma mulher que é uma flor? Ela tem de casar. Minhas mãos já estão até doendo de tanto guardar toalhas de renda de Marselha e jogos de cama enfeitados de guipir e centros de mesa e colchas de cama de gaze com flores em relevo. Já devia estar tudo em uso e rasgando já, mas ela nem percebe como o tempo passa. Vai estar de cabelo branco e ainda pregando barrados de seda liberti nas camisolas de noiva.
- TIA - Por que é que você se mete no que não te diz respeito?
- AMA - Eu não me meto. Já estou metida.
- TIA - Tenho certeza que ela é feliz.

- AMA - Imagine. Ontem me fez ficar o dia todo na porta do circo, porque enquisilou que um dos titereteiros parecia com o primo. Com o noivo.
- TIA - Parecia mesmo?
- AMA - Era bonito como um noviço que sai pra cantar a primeira missa, mas quem dera que seu sobrinho tivesse aquele porte, aquele pescoço de nácar e aquele bigode. Não parecia nada. Na família de vocês não tem homens bonitos.
- TIA - Obrigada.
- AMA - São todos baixos e um pouco caídos de ombros.
- TIA - Vá!
- AMA - É a pura verdade, sim, senhora. O que aconteceu foi que Rosita gostou do circense, como eu também gostei e a senhora também ia gostar. Mas ela falava é do outro. Às vezes, me dá vontade de atirar um sapato na cabeça dela. Porque de tanto olhar para o céu, vai acabar ficando com olhos de vaca.
- TIA - Bom. Ponto final.
- AMA - Não vá a senhora me jogar na cara agora que eu não gosto dela
- TIA - Às vezes parece que não mesmo.
- AMA - Pois eu tiro o pão da minha boca e o sangue das minhas veias, se ela quiser.
- TIA - Não seja falsa. Você fala da boca pra fora.
- AMA - É fato. E eu provo. É fato. Gosto mais dela do que a senhora.
- TIA - Isso é mentira.
- AMA - Isso é verdade.
- TIA - Você não me levante a voz!
- AMA - Pra isso é que eu tenho língua.
- TIA - Cale a boca, mal criada.
- AMA - Quarenta anos que eu trabalho pra senhora.
- TIA - *(quase chorando)* Pois está despedida!
- AMA - *(alto)* Pois graças a Deus vou ficar livre de vocês.
- TIA - *(chorando)* Pra rua! Já!

Ama vai para a saída, mas derruba algo que tirou do bolso do avental.

Detém-se. Pausa.

As duas choram.

TIA - *(limpando as lágrimas, suave)* Que que caiu?
 AMA - *(chorando)* Um porta-termômetro, estilo Luís XV.
 TIA - É?
 AMA - Sim, senhora. *(chora)*
 TIA - Deixa ver.
 AMA - Para o aniversário de Rosita.

Aproxima-se e mostra.

TIA - É uma preciosidade!
 AMA - *(chorosa)* É de veludo e a fonte é feita de caracóis de verdade; em cima da fonte, um quiosque de arame com rosas verdes, e a água do tanque é de lantejoulas azuis e o chafariz é o próprio termômetro. A poça em volta é pintada a óleo, e o rouxinol bebendo em cima todo bordado de fio de ouro. Eu queria que ele fosse de corda, pra cantar, mas não deu.
 TIA - Não deu...
 AMA - Mas não precisa cantar. Rouxinol vivo temos no jardim.
 TIA - É. Por que você fez isso?
 AMA - *(chorando)* Tudo que eu tenho dou pra Rosita.
 TIA - É que você gosta dela mais do que ninguém.
 AMA - Depois da senhora.
 TIA - Não. Você deu seu sangue por ela.
 AMA - A senhora sacrificou sua vida.
 TIA - Mas eu fiz isso por dever. Você, por generosidade.
 AMA - Não diga isso.
 TIA - Você provou que gosta dela mais do que ninguém.
 AMA - Fiz o que qualquer um faria no meu lugar. Sou criada. Vocês me pagam. Eu sirvo.
 TIA - Sempre te consideramos como pessoa da família.
 AMA - Uma simples criada dá o que tem. Mais nada.
 TIA - Como mais nada?
 AMA - E o que mais que eu sou? Diga.
 TIA - Você não pode dizer uma coisa dessas. Melhor eu sair pra não ter de escutar.
(sai, irritada)

AMA - (irritada) Pois eu também.

Sai.

LORCA - A incrível *rosa declinata*, de pétalas caídas; a *inermis* que não tem espinhos; a *mirtifolha* que vem da Bélgica; a *sulfurata*, que brilha no escuro. Mas esta... Uma rosa que nunca se viu... A mais rara de todas. *Rosa Mutabile*, a mutável, que se transforma:

Ao se abrir pela manhã,
 rubra como sangue está.
 O orvalho não a toca,
 porque teme se queimar.
 Aberta, ao meio-dia,
 é dura como o coral.
 O sol se espelha nos vidros
 para vê-la rebrilhar.
 Quando nos ramos começam
 passarinhos a cantar
 e se desmancha a tarde
 sobre as violetas do mar,
 põe-se branca, como o branco
 de uma estátua de sal.
 E quando soa a noite
 com sua trompa de metal
 e as estrelas avançam
 enquanto os ventos se vão,
 no raiar da escuridão
 começa a despetalar.

A rosa mais rara de todas: Doña Rosita la Soltera.

Ela entra, coloca sua cadeira no centro, senta-se, abana-se com o leque.

ROSITA - Já me acostumei a viver muitos anos fora de mim.

Pensando em coisas que estavam muito longe. E agora, que essas coisas já não existem, continuo dando voltas e mais voltas por um lugar frio, buscando uma saída que não vou encontrar nunca.

Eu sabia de tudo. Sabia que ele tinha casado. Uma alma caridosa se encarregou de me dizer e fui recebendo suas cartas com uma ilusão cheia de soluções que a mim mesma assombrava.

Se as pessoas não tivessem falado, se ninguém soubesse além de mim, as cartas, a mentira dele, teriam alimentado minha ilusão como no primeiro ano de sua ausência. Mas todos sabiam e eu tinha apontado para mim um dedo que fazia ridícula a minha modéstia de noiva, e dava um ar grotesco ao meu leque de solteira. Cada ano que passava era como uma peça íntima que arrancavam de meu corpo.

Hoje se casa uma amiga e outra e outra, que amanhã tem um filho, que cresce e vem me mostrar as notas do boletim, e se fazem casas novas e canções novas e eu igual, com o mesmo tremor, igual; eu, igual a antes, colhendo o mesmo cravo, olhando as mesmas nuvens, e um dia desço à rua e me dou conta de que não conheço ninguém; moços e moças me deixam para trás porque eu canso e alguém diz: ‘Olha a solteirona!’, e outro, bonito, de cabelos encaracolados, comenta: “Essa não tem mais quem lhe crave os dentes.”

Mas vamos em frente com a boca cheia de veneno e uma vontade enorme de fugir, de tirar os sapatos, de descansar e não me mexer nunca mais do meu lugar.

Já sou velha.

Não tem direito, uma pobre mulher de respirar em liberdade?

A esperança me persegue, me ronda, me morde. Como um lobo que está morrendo e aperta os dentes pela última vez.

Que homem veio a esta casa sincero e transbordante para procurar meu carinho? Nenhum. Fui sempre séria. Sou como sou. E não posso mudar.

Agora, só me resta a minha dignidade. O que tenho por dentro, guardo para mim sozinha. Há coisas que não se podem dizer porque não há palavras para dizer. E se houvesse, ninguém entenderia seu sentido.

Me entendem quando peço pão e água, e até um beijo, mas nunca poderiam me entender, nem remover esta mão escura que não sei se me gela ou se me abrasa o coração cada vez que eu estou sozinha.

Eu sei que terei os olhos sempre jovens. Sei que as costas vão me curvando a cada dia. O que aconteceu comigo, aconteceu com mil mulheres. Mas... porque estou dizendo tudo isso?

(para o público) Não me agrada que me olhem assim. Me incomodam esses olhares de cachorro fiel. Esses olhares de pena me perturbam e me indignam. Me esqueçam como uma coisa perdida.

(levanta-se, arruma a roupa, o xale, dirige-se a alguém na platéia)

Sei que o senhor está se lembrando de sua irmã solteirona ... Solteirona, como eu. Amarga, que odeia as crianças e todas as mulheres que vestem um vestido novo. Mas eu não serei assim. Perdão.

(vai saindo) Não existe coisa mais viva que uma recordação. Por isso, compreendo muito bem essas velhinhas bêbadas que andam pela rua querendo apagar o mundo e se sentam a cantar nos bancos dos passeios.

LORCA - Doña Rosita, doña Rosita...

ROSITA *(saindo)* - Ao se abrir pela manhã
 rubra como o sangue está.
 Mas de tarde se põe branca
 com branco de espuma e sal.
 Depois quando chega a noite
 começa a despetalar.

Rosita sai.

Lorca senta-se na cadeira dela, na mesma postura dela.

Tempo.

LORCA - Não estou bem. Não sou feliz. E há necessidade de ser alegre. Desenhar um plano do desejo e viver nesse plano, dentro, sempre, de uma norma de beleza. Que difícil que é! Mas vivo. Um pouco contra todos, mas vivo. Não quero que me vençam. É preciso a quantidade de alegria que Deus me deu para não sucumbir diante da quantidade de conflitos que me assaltam.

Mas Deus não me abandona nunca.

BERNARDA - *(da coxia)* Louvado seja Deus.

VIZINHA - *(da coxia)* Para sempre seja louvado.

BERNARDA - Descansa em paz com a santa companhia.

VIZINHA - Descansa em paz.

Bernarda e Vizinha entram, continuando a ladainha.

BERNARDA - Com o anjo São Miguel e sua espada justiceira.

VIZINHA - Descansa em paz.

BERNARDA - Com a chave que tudo abre e a mão que tudo encerra.

VIZINHA - Descansa em paz.

BERNARDA - Com os bem aventurados e os vagalumes do campo.

VIZINHA - Descansa em paz.

BERNARDA - Com a santa caridade e almas de terra e mar.

VIZINHA - Descansa em paz.

BERNARDA - Concede o repouso a teu servo Antonio Maria Benevides e dá-lhe a coroa de tua santa glória.

VIZINHA - Amém.

BERNARDA - *(canta)* *Requiem aeternam donat eis Domine.*

VIZINHA - *Et lux perpetua luceat eis.*

Saúde para rogar por tua alma.

BERNARDA - Amém.

VIZINHA - Não te falte a tua porção de pão quente.

BERNARDA - Amém.

VIZINHA - Nem teto para tuas filhas.

BERNARDA - Amém.

VIZINHA - Do trigo do teu casamento continues desfrutando.

BERNARDA - Amém.

Vizinha inicia a lamentação, Bernarda a detém com um gesto.

BERNARDA - Voltem para suas casas para criticar tudo o que viram aqui. Oxalá se passem muitos anos antes que voltem a cruzar o arco de minha porta.

A vizinha sai, Bernarda fica. Tira a mantilha e dobra cuidadosamente enquanto Lorca fala.

LORCA - Um morto é mais vivo como morto na Espanha do que em qualquer outra parte do mundo.
Eu, por mais humilde que seja, acho que mereço ser amado.

Entra Poncia, amarrando na cintura o avental.

PONCIA - Você não pode reclamar. Veio a aldeia inteira.

BERNARDA - É. Para encher a minha casa com o suor de suas saias e o veneno de suas línguas.

PONCIA - Não fale assim.

BERNARDA - É assim que se tem de falar nesta maldita aldeia sem rio, aldeia sem poços, onde sempre se bebe a água com medo de que esteja envenenada.

PONCIA - Como ficou a soleira!...

BERNARDA - Como se tivesse passado por ela uma manada de cabras. Me dê o leque.

PONCIA - Toma. *(dá o leque e pega a mantilha de Bernarda)*

BERNARDA - E isso é leque que se dê a uma viúva? *(atira longe o leque)* Me dê um preto e aprenda a respeitar o luto pela pai das minhas filhas. Nestes oito anos de luto não haverá de entrar nesta casa o vento da rua. Faz de conta que tapamos com tijolos as portas e janelas. Foi assim na casa de meu pai e na casa de meu avô. Tenho na arca vinte peças de linho para fronhas e lençóis. É isso ser mulher.

PONCIA - Malditas sejam as mulheres... Dias e dias trancadas dentro de uma sala escura.

BERNARDA - Aqui se faz o que eu mando. Agulha e linha para as fêmeas, chicote e mula para o varão.

PONCIA - *(indicando a coxia)* Olha. Tuas filhas vão trocar de roupa.

BERNARDA - Certo. *(ordena para a coxia)* Mas não o lenço de cabeça.
(para Poncia) A mais velha?

PONCIA - Vi quando estava debruçada no portão. Os homens tinham acabado de sair.

BERNARDA - A mais nova?

PONCIA - Foi depois.

- BERNARDA - Os homens já tinham saído?
- PONCIA - Tinha ainda um grupo parado fora.
- BERNARDA - É decente uma mulher de classe jogar o anzol para um homem no dia da missa do pai?
- PONCIA - Bernarda, calma.
- BERNARDA - (*para a coxia*) Fora daqui. Todas!
- PONCIA - A menina não sabia o que estava fazendo. Está mal. Ficou atrás da janela, ouvindo a conversa dos homens que, como sempre, não se consegue escutar.
- BERNARDA - Para isso é que vão em enterros. Falavam de que?
- PONCIA - Falavam de Paca la Roseta. A noite passada prenderam o marido dela no curral e ela levaram na garupa do cavalo até o alto do olival.
- BERNARDA - E ela?
- PONCIA - Ela gostando. Dizem que ia com os peitos de fora, deitada como uma guitarra no colo de Maximiliano. Um horror!
- BERNARDA - E o que aconteceu?
- PONCIA - O que tinha de acontecer. Voltaram quase de dia. Paca la Roseta de cabelo solto, com uma coroa de flores na cabeça.
- BERNARDA - É a única mulher à toa da aldeia.
- PONCIA - Porque não é daqui. Veio de longe. E os que foram com ela também são filhos de gente de fora. Os homens daqui não são capazes dessas coisas.
- BERNARDA - Não. Mas gostam de ver e comentar e lambem os dedos quando acontecem essas coisas.
- PONCIA - Falaram de outras coisas também.
- BERNARDA - O que?
- PONCIA - Tenho vergonha de contar.
- BERNARDA - E minha filha ouviu?
- PONCIA - Claro.
- BERNARDA - Essa puxou às tias. Brancas e sebosas, fazendo olhos de vaca para os gracejos de qualquer barbeirinho. Quanto é preciso sofrer e lutar para fazer as pessoas serem decentes!
- PONCIA - É que as tuas filhas já estão em idade de merecer. Elas te enfrentam muito pouco. A mais velha já deve ter bem mais de trinta.
- BERNARDA - Trinta e nove justos.
- PONCIA - Imagine. E nunca teve noivo.

BERNARDA - Nenhuma ainda teve noivo e não faz falta nenhuma. Podem muito bem passar sem.

PONCIA - Eu não quis ofender.

BERNARDA - Não tem, nas cem léguas em volta, quem mereça chegar perto delas. Os homens daqui não têm classe. Que é que você quer? Que eu entregue minhas filhas para qualquer peão?

PONCIA - Você devia ter mudado para outro lugar.

BERNARDA - Isso. Para vender minhas filhas.

PONCIA - Não, Bernarda. Para mudar... É claro que em outro lugar elas iam ser as pobretonas.

BERNARDA - Cala essa boca de tormento.

PONCIA - Com você não se pode falar. Temos ou não temos confiança?

BERNARDA - Não temos. Você me serve, eu te pago. Mais nada.

Saem.

LORCA - Trabalho quando já não tenho outro remédio. O que importa é viver.

(levanta-se, olha em torno, projetando uma cena no espaço)

A casa de Bernarda Alba. Um drama de mulheres nos pueblitos de Espanha...

Uma sala branquíssima... Portas em arco... Cortinas de babado... cadeiras de palha... *(para a platéia)* Onde melhor escrevo é no campo. No inverno, de noite. Durante o verão de dia, nas horas de calor.

(volta a projetar a cena sobre o palco) Três atos, com a intenção de um documentário fotográfico. Verão... um grande silêncio sombrio sobre a cena...

Entram as duas atrizes, de preto, e se colocam, imóveis, lado a lado no centro do palco.

Lorca as vai transformando, com suas palavras, nas personagens da peça.

LORCA - Mulheres de luto: Bernarda, La Poncia, a criada... *(aproxima-se de uma delas)* Martírio...

MARTÍRIO - É preferível não ver nunca um homem. Desde menina tenho medo deles quando ia olhar no curral eles prenderem os bois e levantar sacos de trigo, gritando e chutando, e sempre tive medo de crescer, por temor de me ver de

repente abraçada por eles. Deus me fez débil e feia e afastou definitivamente os homens de mim.

LORCA - *(aproximando-se de outra)* Amélia...

AMÉLIA - Percorri os quartos para andar um pouco. Ver os quadros de talagarça bordada de nossa avó, o cachorrinho peludo e o negro lutando com o leão, que a gente tanto gostava em meninas. Era uma época mais alegre aquela. Uma festa de casamento durava dez dias e não se usava tanto as línguas venenosas. Hoje tem mais finura, as noivas põem véu branco como na cidade e se bebe vinho de garrafa. Mas a gente apodrece pelo que dizem.

LORCA - *(para a primeira)* Madalena...

MADALENA - Pepe el Romano tem vinte e cinco anos e é o melhor tipo de todo este arredor. O natural seria que pretendesse Amélia, ou a nossa Adela que tem vinte anos, mas não que venha buscar a escuridão maior desta casa: Angústias, a mais velha.

LORCA - *(para a segunda)* Adela... Adela...

ADELA - Eu não vou me acostumar. Não posso ficar fechada! Não quero que a minha carne fique igual à de minhas irmãs. Não vou perder minha brancura nestes quartos. Amanhã ponho meu vestido verde e saio passear na rua. Eu quero sair!

LORCA - *(para a primeira)* Maria Josefa, mãe de Bernarda... Velhíssima, louca...

As duas são agora Maria Josefa e Martírio.

MARTÍRIO - Vovó, onde você vai?

JOSEFA - Abre a porta para mim.

MARTÍRIO - Como é que a senhora está aqui?

JOSEFA - Escapei porque quero casar. Você quem é?

MARTÍRIO - Vá deitar.

JOSEFA - Você é Martírio. Martírio cara de Martírio. Bernarda casa de leoparda. Madalena cara de hiena. *(chamando alto)* Bernarda, minha filha, onde está minha mantilha? Nada de tudo o que eu tenho vai ficar para vocês. Nem meus anéis, nem meu vestido preto de moarê. Porque nenhuma de vocês vai casar, nenhuma! Bernarda, me dá minha gargantilha de pérolas que eu quero casar com um varão bem bonito que vem da praia do mar. Porque aqui os

homens fogem das mulheres. Não quero ver essas mulheres solteiras botando raiva pela boca e moendo em pó o coração. Quero ir para a minha terra. Bernarda, quero um homem. Para casar e ter alegria. Por que aqui não tem espumas? Aqui só tem mantos de luto. Eu quero campo! Quero casas, mas casas abertas e as vizinhas deitadas com seus filhos pequenos e os homens do lado de fora, sentados em suas cadeiras.

Pepe el Romano é um gigante. Vocês todas querem ele!

Maria Josefa faz um carinho sensual no rosto de Lorca, descendo a mão por seu corpo, até o sexo. E sai sem olhar para trás.

LORCA - É melhor sonhar que viver. E este meu sonhar não tem perigo para mim que tenho defesas. É perigoso para quem se deixa fascinar pelos espelhos escuros que a poesia e a loucura colocam no fundo dos abismos.
(*olha a cena, as duas mulheres a postos*)
Verão... Um grande silêncio sombrio sobre a cena.

As duas são agora Martírio e Adela.

MARTÍRIO - Abre a porta do pátio para ver se entra um pouco de ar fresco.
ADELA - Noite passada não consegui dormir de calor.
MARTÍRIO - Era uma da madrugada e subia fogo da terra. Que chegue logo novembro, os dias de chuva, a geada, tudo que não seja este verão interminável.
ADELA - (*afastando-se da outra*) Me segue para todo lado. Às vezes, entra no meu quarto para ver se estou dormindo. ‘Que pena, essa cara. Que pena, esse corpo, que não vai ser de ninguém.’ Não, isso não! Meu corpo vai ser de quem eu quiser.
LORCA - Quero me divertir, gozar a vida, viver. Não me preocupar com nada.
A arte só tem interesse no momento em que está sendo realizada.
MARTÍRIO - A noite quer companhia.
ADELA - Que noite escura!
MARTÍRIO - Noite boa para ladrões que precisam de esconderijo.
ADELA - O cavalo garanhão estava no meio do curral. Branco!
MARTÍRIO - É verdade. Dava medo. Parecia uma aparição.

- ADELA - No céu, as estrelas grandes como punhos.
- MARTÍRIO - E ela olhava que parecia que ia quebrar o pescoço.
- ADELA - Você não gosta de estrelas?
- MARTÍRIO - Para mim as coisas do teto para cima não me interessam nada. O que acontece dentro dos quartos já me basta.
- LORCA - Encarar a vida com essa atitude tão simples e tão pouco praticada: ver e ouvir! Uma coisa tão fácil, hein?

As duas são agora Angústias e Bernarda.

- BERNARDA - Pepe o que conta?
- ANGÚSTIAS - Anda distraído. Me fala sempre como se estivesse pensando em outra coisa. Se eu pergunto o que acontece, me responde: ‘Nós homens temos nossas preocupações’.
- BERNARDA - Você não deve perguntar. E depois de casada, menos ainda. Fale se ele te falar e olhe só quando ele te olhar. Assim evita o desgosto.
- ANGÚSTIAS - Mãe... Eu acho que ele me esconde muita coisa.
- BERNARDA - Não queira descobrir, não pergunte e, mais do que tudo, que ele nunca te veja chorar.
- ANGÚSTIAS - Devia estar contente e não estou.
- BERNARDA - Dá no mesmo.

Bernarda fica, Angústias se afasta enquanto Lorca fala.

- LORCA - Não sei o que é a felicidade. Se acreditar no que estudei na escola, a felicidade só pode ser encontrada no céu. Mas se o homem inventou a eternidade, acho que existem coisas dignas dela. Por sua beleza e transcendência. Modelos absolutos para uma ordem permanente. (*tempo*) Por que me perguntam essas coisas?

As duas agora são Adela e Bernarda.

- ADELA - Mãe, por que quando cai uma estrela ou quando brilha o relâmpago se diz: Santa Bárbara bendita que no céu estás escrita com papel e água bendita?

BERNARDA - Os antigos sabiam muitas coisas que esquecemos. Feche os olhos para não ver.

Bernarda se afasta, Adela fica.

ADELA - Eu não. Eu gosto de ver correr, cheio de luz, o que está quieto e quieto anos inteiros.

LORCA - O abismo, o sonho, eu temo é na realidade da vida, no amor, no encontro cotidiano com os outros. Isso, sim, é terrível.

As duas são agora Martírio e Adela.

MARTÍRIO - Adela, Adela. Deixa esse homem!

ADELA - Quem é você para me dizer isso?

MARTÍRIO - Isso não é lugar para uma mulher honrada.

ADELA - Que vontade você tem de estar nesse lugar.

MARTÍRIO - Isso não pode continuar!

ADELA - É só o começo. Eu tive força para enfrentar. O brio, o mérito que você não tem. Vi a morte debaixo deste teto e saí para buscar o que era meu. O que me pertencia.

MARTÍRIO - Esse homem sem alma veio por outra. Você se pôs na frente.

ADELA - Veio pelo dinheiro, mas os olhos, sempre pôs em mim.

MARTÍRIO - Eu não permito que você fique com ele. Ele vai casar com Angústias.

ADELA - Você sabe melhor do que eu que ele não gosta dela.

MARTÍRIO - Sei.

ADELA - Sabe porque viu que ele gosta de mim.

MARTÍRIO - É.

ADELA - Gosta de mim. De mim.

MARTÍRIO - Me crave uma faca, se quiser, mas não me fale assim.

ADELA - Por isso você não quer que eu vá com ele. Não te importa que ele abrace a quem não ama. Pode passar cem anos com Angústias, mas que me abrace a mim, isso é terrível, porque você também gosta dele. Gosta dele!

MARTÍRIO - Gosto! E que meu peito arrebente como uma granada de amargura. Gosto dele!

ADELA (*abraça Martírio*) – Martírio, Martírio. Eu não tenho culpa.

MARTÍRIO - Não me abrace! Não tente turvar os meus olhos!
Meu sangue não é mais o teu. E mesmo que quisesse te ver como irmã, te vejo só como mulher. (*sai*)

ADELA - Nos ensinam a amar as irmãs, mas Deus deve ter me deixado sozinha na escuridão, porque te vejo como se não tivesse visto nunca. Pepe el Romano é meu. Já não agüento mais o horror destes tetos depois de ter provado o gosto da boca dele. Serei o que ele quiser que eu seja. Todo o povo contra mim, queimando-me com seus dedos de brasas, perseguida pelos que dizem que são decentes, e vestirei a coroa de espinhos das que são queridas por um homem casado.

MARTÍRIO (*fora de cena*) – Mãe! Mãe! Ela estava com ele! Voltou com a saia cheia de palha de trigo.

BERNARDA (*entrando*) – Essa é a cama das mal nascidas.

ADELA - Acabaram-se as ordens de presídio. (*arrebata o bastão da mãe e o quebra no joelho*). É isto o que eu faço com a vara da dominadora. Não dê mais nem um passo. Em mim ninguém manda! Só Pepe. Sou dele. Ele está aí fora, respirando como um leão.

BERNARDA (*para a coxia*) – A arma! Onde está a arma?! (*sai depressa*)

ADELA - Ninguém vai me impedir! Ninguém! Ninguém!

Um tiro fora. Adela se sobressalta, hesita e corre para sair.

Bernarda entra e a impede.

BERNARDA - Vai atrás dele agora! Acabou-se Pepe el Romano.

ADELA - Pepe! Deus meu! Pepe!

Ela empurra Bernarda e sai correndo.

BERNARDA - Adela! Um rio de sangue sobre a tua cabeça! Maldita! Endemoninhada. (*ouve-se na coxia o ruído de uma cadeira que cai*) Adela! Adela! Abre. Não pense que as parede podem te defender da vergonha. Abre. Senão eu ponho abaixo essa porta. Adela!

Bernarda põe abaixo o biombo.

Adela está enforcada, com seu vestido vermelho.

BERNARDA - Não! Não! Pepe corre vivo pelo escuro das alamedas, mas um dia há de cair. Minha filha morreu virgem. Que seja vestida como uma donzela. Ninguém diga nada. Ela morreu virgem.

LORCA - Tive uma infância muito longa...

BERNARDA - Não quero choro.

LORCA - Disso me ficou essa alegria... este otimismo inesgotável.

BERNARDA - A morte há de olhar para ela cara a cara.

LORCA - Perde seu tempo quem quiser me fazer mal. Porque isso eu esqueço em seguida.

BERNARDA - Silêncio. Quietas eu disse. Lágrimas quando estiverem sozinhas.

LORCA - Um riso sadio para tudo.

BERNARDA - Afundaremos todas num mar de luto.

LORCA - Este riso de hoje é o meu riso de ontem, meu riso de infância e de campo...

BERNARDA - A filha menor de Bernarda Alba morreu virgem. Ouviram?

LORCA - Meu riso silvestre que defenderei sempre.

BERNARDA - Silêncio. Silêncio eu disse.

LORCA - Sempre. Até a morte.

BERNARDA - Silêncio.

Lorca vai até Adela e a toca. Ela desperta e dança.

Em silêncio.

Ao terminar, abraça Lorca por trás, como na cena inicial, a sua alma vermelha.

E, ao lado, mão sobre seu ombro, sua alma negra.

A luz se apaga lentamente sobre o quadro, como uma pose para fotografia.

FIM

São Paulo, março/abril 1988